

“BRASIL: A QUEM PERTENCE ESSA TERRA?”: A abordagem de questões raciais e étnicas pela Sociologia, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos

Resumo: O presente artigo possui como objetivo relatar o processo de construção de um projeto voltado à conscientização acerca das temáticas de racismo e xenofobia, desenvolvido pelo Programa Institucional de Bolsas de iniciação à Docência (PIBID) ao longo de 2015 e aplicado no mês de dezembro do mesmo ano no Centro de Educação Aberta à Distância CEAD – Polo Poty Lazzarotto (Curitiba – PR). A escolha do projeto em trabalhar tais problemáticas se deu por meio da metodologia de observação participante no ambiente escolar, onde foram identificadas situações em que alunos imigrantes, em especial haitianos, foram vítimas dessas práticas. O grupo PIBID buscou conciliar ensino de Sociologia e abordagem de questões sociológicas práticas, de forma a atender às especificidades pedagógicas do contexto na EJA: carga horária reduzida e alto índice de desistência dos discentes em relação à disciplina de sociologia. Foi possível inferir qualitativamente o retorno positivo dos alunos em relação à temática proposta.

Abstract: *This article aims to inform about the process of building an awareness project on the themes of racism and xenophobia, developed by the Institutional Scholarship Initiative Program of Sociology (PIBID), in 2015 and applied in December of the same year at the Center for Distance Education CEAD – Polo Poty Lazzarotto (Curitiba – PR). The project was chosen to work on these problems through the methodology of participant observation in the school environment, where situations were identified in which immigrant students, especially Haitian students, were victims of these practices. The project sought to reconcile the teaching of sociology and the approach of practical sociological questions in order to meet the pedagogical specificities of the context in the EJA: reduced workload and high dropout rate in relation to the discipline of sociology. It was possible to qualitatively infer the positive feedback of the students in relation to the proposed theme.*

INTRODUÇÃO

O Centro de Educação Básica para Jovens e Adultos/ Centro de Educação Aberta e a Distância – CEEBJA CEAD Polo Poty Lazzarotto é uma escola estadual que oferece ensino na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) na região central de Curitiba, capital do Paraná. A escola surgiu nos anos 1980 e passou por diversas modificações estruturais, pedagógicas e jurídicas e hoje é uma escola mantida pelo governo estadual. O CEAD Poty Lazzarotto é uma das instituições na qual se realiza o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) Sociologia 1, pela Universidade Federal do Paraná, coordenado pelo Prof. Dr. Nelson Rosário de Souza. Tal escola tem uma proposta diferenciada, a qual gerou, no contexto do Programa, uma novidade com relação ao público atendido. Sendo a primeira experiência do PIBID na EJA, a mudança foi perceptível no que diz respeito tanto à faixa etária quanto ao perfil dos grupos, a relação entre os corpos docente e discente e a origem social de cada um.

Verificado tal panorama nos momentos de observação participante realizada durante as aulas da professora supervisora, Silmara Aparecida Quintino, no período noturno da disciplina Sociologia, foi perceptível a presença significativa de alunos imigrantes, inclusive vindos do Haiti, que sofriam, no ambiente de aprendizado que se supõe democrático, xenofobia e racismo, naquele cenário, em 2015 – contexto de elevação significativa do número de imigrantes haitianos em Curitiba, conforme Cavalcanti

(2016), Oliveira (2016) e Albuquerque *et al.* (2016). Pensando a escola como uma instituição de socialização dos indivíduos, a proposta de intervenção foi de mudar o quadro encontrado e desconstruir as relações preconceituosas naturalizadas na vivência dos imigrantes e não imigrantes, dando-lhes a perspectiva sociológica de olhar crítico sobre os fenômenos culturais.

A proposta de intervenção apresentada a seguir foi formulada pelas bolsistas do programa em 2015 – Aline Oliveira, Ana F. Gabardo, Ana S. Bittencourt, Giovanna G. S. Vargas e Julia Paes, todas discentes do curso da Licenciatura em Ciências Sociais na época – que, junto à supervisora Silmara Quintino, realizaram uma Semana de Sociologia aberta ao público da escola, apresentando a disciplina e sua importância para os discentes e a comunidade escolar.

O tema dessa intervenção foi decidido pelo grupo após as observações em sala de aula e demais ambientes da escola, ou seja, o projeto partiu da demanda observada de se refletir no contexto escolar o fenômeno da migração, seu contexto histórico no Brasil, seus desdobramentos atuais e como tal fenômeno era percebido pelas duas partes: por quem emigrou e por quem recebia tais imigrantes. O projeto tentou tanto diminuir os conflitos causados pela presença destes novos entrantes na escola e na sociedade quanto emancipar os alunos imigrantes – estrangeiros ou não – frente à sua realidade, trabalhando suas histórias de vida e sua autoestima.

Outro objetivo da Semana de Sociologia foi buscar uma redução dos índices de evasão na disciplina. A Secretaria Estadual de Educação do Paraná dis-

Aline Adriana de Oliveira
Graduanda da Universidade Federal do Paraná.

Contato:
aline.adriana.oliveira@gmail.com

Giovanna Gabriela Silva Vargas
Graduanda da Universidade Federal do Paraná.

Contato:
giovannag.vargas@hotmail.com

Palavras-chaves:
Educação, EJA, PIBID, Racismo, Xenofobia.

Keywords:
Education, EJA, PIBID, Racism, Xenophobia.

1 Projeto Político Pedagógico do CEEBJA CEAD Poty Lazzarotto, formulado em 2012 e vigente no momento da aplicação do projeto, disponível na secretaria da instituição.

ponibiliza periodicamente aos estudantes que não concluíram o ensino regular uma série de provas formuladas por professores das disciplinas às quais as provas se destinam. Tais avaliações têm o objetivo de verificar a proficiência dos conteúdos da disciplina por parte dos alunos. O estudante que, por exemplo, cursou ensino médio numa época em que não havia a disciplina de Sociologia pode realizar tal prova e, conforme seu rendimento, ser liberado da disciplina, não tendo a necessidade de cursá-la novamente na EJA. Os estudantes, visando a diminuir a carga-horária faltante para a conclusão da etapa, realizavam tais provas e deixavam de cursar a disciplina, por falta de interesse ou de tempo hábil. Com o evento, esperava-se elevar o interesse do grupo e da comunidade escolar na disciplina, diminuindo tais índices, uma vez que se entende, neste trabalho, que a disciplina de Sociologia é capaz de desconstruir relações de poder estabelecidas na sociedade e empoderar os sujeitos de grupos minoritários, através de sua conscientização.

O texto constitui um relato de experiência do PIBID Sociologia da Universidade Federal do Paraná com a EJA. Para tanto, está dividido nesta introdução, em que se apresenta o contexto geral de produção da atividade das estudantes do curso de Ciências Sociais no PIBID; numa reflexão acerca do perfil dos estudantes da EJA, e, naquele contexto, dos alunos imigrantes; numa breve abordagem de estudos acerca do fenômeno da imigração de haitianos; na descrição do planejamento e do trabalho realizados na Semana de Sociologia do CEAD Poty Lazzarotto; numa reflexão sobre perspectivas e resultados do trabalho; e, por fim, nas considerações finais, em que serão retomados os principais apontamentos e reflexões propostas.

A REALIDADE DA MODALIDADE EJA E OS PROCESSOS MIGRATÓRIOS: LIMITES DE UMA ESCOLA DE INCLUSÃO

O PERFIL INSTITUCIONALIZADO DA INCLUSÃO

É claro, no escopo do Projeto Político Pedagógico¹ da escola CEAD Poty Lazzarotto, que esta se diferencia metodológica e didaticamente da modalidade regular uma vez que a escola atende alunos com idade superior a 15 anos para o ensino fundamental e 18 anos para o ensino médio. De acordo com tal documento, bem como de acordo com a observação realizada, os segmentos sociais que compõem o perfil do corpo discente da EJA, no CEAD Poty Lazzarotto, são diversos: jovens de 15 a 30 anos; trabalhadores do comércio; trabalhadores da área de serviços administrativos; do lar; dependentes químicos; pessoas com necessidades educacionais especiais: TDAH (Transtornos de Déficit de Atenção com Hiperatividade), TGD (Transtornos Globais do Desenvolvimento), Surdos (LIBRAS), Cegos e Baixa Visão, Deficiência Intelectual e Deficiência Física (com pouca limitação); jovens em cumprimento de medidas sócio-educacionais; população egressa do sistema carcerário; homossexuais e transexuais; aposentados; idosos; funcionários públicos (Agente Educacional I); autônomos/escala; comerciantes;

empresários; asilados e refugiados estrangeiros.

Ressalta-se ainda que, por diversas razões, esses alunos não puderam concluir as etapas do ensino básico (fase I: ensino fundamental; fase II: ensino médio) enquanto frequentavam a modalidade regular. A observação realizada na escola permitiu, através dos relatos ouvidos em sala de aula e fora dela, no intervalo, nos corredores e nos arredores da escola, perceber que, para além da evasão escolar pela oferta ainda reduzida de vagas no ensino médio, sendo discrepante o número de matriculados no nível fundamental e no nível médio, a evasão ocorre também por situações de trabalho, dificuldades econômicas na família, gravidez na adolescência, dificuldades de aprendizagem não atendidas corretamente, situação de violência/opressão na escola. Por fim, a evasão escolar, principalmente dos mais jovens, causa a não percepção pelo aluno do sentido que a realização de tal etapa escolar possui.

Os alunos retornam à escola buscando concluir as etapas faltantes principalmente por necessidades de trabalho, tais como exigência da empresa em que já estão ou falta de oportunidades para aqueles que não concluíram determinada etapa, e planos pessoais, como seguir os estudos até o nível superior. Os documentos de planejamento da instituição apregoam que a perspectiva da escola é incentivar tais estudantes a terminar a etapa e continuar estudando, seja para aprimorar seu trabalho, com cursos técnicos ou tecnólogos, seja para seguir outro caminho, com a graduação. A escola deve servir de passaporte para os objetivos dos alunos.

O PERFIL NORMALIZADO PARA A NÃO INCLUSÃO

O primeiro contato entre o PIBID de Sociologia e a Educação de Jovens e Adultos nessa escola se deu em 2015. Neste ano, além da observação do ambiente escolar, seus arredores, seus documentos oficiais, etc., as estudantes de Ciências Sociais, autoras do trabalho, observaram também o aumento significativo do número de imigrantes haitianos chegando àquela instituição escolar.

Os haitianos, ajudados por instituições religiosas diversas, chegaram ao Brasil em situação de ajuda humanitária e, por vezes, decidiam seus destinos de acordo com o que conheciam em relação às oportunidades de trabalho. Segundo relatos de alunos na condição de imigrantes, eles tomavam a decisão de vir para Curitiba pois ouviram que no sul havia muito emprego, ou vieram viver com parentes que já estavam aqui. Na condição de imigrantes no sul do Brasil, porém, a maioria deles, conforme contaram, ficou em casas lotadas de outros imigrantes, trabalhando em condições de exploração, sem nenhum direito civil ou trabalhista garantido, sem poder contactar sua família com frequência.

Além de todas as contingências que envolveram a migração massiva de haitianos, não havia uma política definida para a validação dos diplomas destes trabalhadores, muitos deles formados ou cursando a graduação no Haiti, antes de emigrar. Ao chegarem aqui, precisaram voltar a estudar no nível de educação básica; a comprovação de conclusão de ensino

médio seria, para eles, uma porta para conseguir melhores condições de trabalho e retomar o ensino superior no Brasil (Oliveira, 2016).

Nesse contexto, para além do público escolar citado, a partir do início do ano de 2015 o aumento de imigrantes haitianos regularmente matriculados na escola, especialmente no ensino médio, passou a ser um dado significativo a ser tomado em conta naquele contexto². A partir da análise do contexto escolar em questão, foi possível identificar uma característica distinção entre os alunos no trato entre si. Na expressão da alteridade, foi identificada uma necessidade, através do olhar treinado da sociologia, de uma proposição de discursos e práticas que dessem conta de tal alteridade.

Como dito anteriormente, a escola, cujo perfil é instituição de inclusão, recebe alunos surdos e deficientes visuais, que necessitam de formas alternativas de comunicação. Não havia, porém, e não ocorreu, durante toda a permanência de alunos haitianos, intérpretes ou tradutores do português para o *creole* ou francês, para que as aulas pudessem ser plenamente compreendidas. Não ocorreu, da mesma forma, uma recepção oficial e introdução destes alunos novos num contexto escolar extremamente dinâmico e diverso. Apesar da diversidade já vivenciada entre os estudantes, com idades, profissões, crenças, estilos, gostos, sexualidades, opiniões e, sobretudo, histórias de vida diferentes, surgiu uma nova diversidade, tanto da imigração quanto étnico-racial, com a qual eles não sabiam – e por vezes alguns deles demonstravam que não queriam – lidar.

A presença de uma nova forma de diferença fez reavivar no ambiente escolar uma dificuldade frente ao novo: não sabiam como tratar desse novo. Escolheram, frente às notícias e comentários de senso comum acerca da migração, hostilizar esses novos entrantes no espaço escolar. Durante observações em sala de aula, entre março e julho de 2015, ouviram-se mais de uma vez comentários xenofóbicos em relação aos haitianos. Os alunos nativos diziam que eles queriam roubar vagas de emprego, que eram preguiçosos, vagabundos, que não pensavam racionalmente, que eram machistas. No momento da aula de sociologia, a professora supervisora do projeto propunha colocar em pauta essas questões frente aos alunos, perguntando-lhes quantos desses, que demonstravam xenofobia e racismo contra os haitianos, tinham feito estudos para saber em quantos empregos diferentes um imigrante trabalhava para se manter, ou sobre a cultura daquele povo, ou sobre sua história de revolução. Houve uma aula em que, na presença de um aluno haitiano, ainda pouco habituado à língua portuguesa, um aluno fez um comentário racista e xenofóbico se referindo a ele. Todos os outros riram, e o rapaz, que não tinha entendido o conteúdo da fala do colega, tanto por conta da língua quanto do inesperado preconceito, riu também, constrangido.

A xenofobia, nesse contexto, parecia se basear, de acordo com as observações realizadas e discursos ouvidos, em duas pré-noções principais: o medo de perder terreno para o outro, uma vez que se ouvia falar em crise e já se começava a sentir seus efeitos no Brasil, e o racismo, que estimulava e

encorajava a hostilização daqueles que foram tidos como “outros”, estranhos ao espaço da escola, da rua, do transporte público, da comunidade, da cidade. Frente a tais problemáticas, o grupo PIBID que atuava na escola decidiu inverter os papéis e mostrar para os estudantes, mesmo os brasileiros, como também eram considerados estrangeiros se não fossem de Curitiba, e o quanto o racismo e a xenofobia já justificaram, na nossa história, opressões que se refletem no dia a dia, através de uma cultura da exclusão que permaneceu.

ESTUDOS SOBRE A IMIGRAÇÃO DE HAITIANOS PARA O BRASIL

Buscando compreender o cenário da migração de haitianos no Brasil, bem como suas causas e implicações, depara-se com a literatura acerca do tema. Num primeiro momento, estudos diagnósticos foram feitos buscando entender tal fenômeno, que se intensificou consideravelmente após o terremoto no Haiti em 2010. Castro e Fernandes (2014) apontam que as catástrofes naturais, bem como os problemas políticos e sociais, fazem com que os haitianos emigrem, falando-se, na literatura, inclusive, em uma diáspora de haitianos. Muitos graduados saíram do país.

O Brasil teria entrado na rota de migração tanto pela legislação acerca da questão quanto através da influência da presença de tropas brasileiras, segundo estudos bibliográficos sobre o tema apontam. Castro e Fernandes (2014) propõem que o destino dos imigrantes teria sido escolhido não só pela facilidade de entrada pelas leis locais, mas também, e talvez de forma mais predominante, pela possibilidade de se estabelecer no país. Em janeiro de 2012, em meio a uma crise humanitária, conforme apontam os pesquisadores, o governo brasileiro, por meio do Conselho Nacional de Imigração, promulgou a resolução 97/2012, que concede visto permanente aos haitianos. Segundo os autores, ao final de 2014, estimavam-se cerca de 50 mil imigrantes haitianos no país.

Silva (2015) se debruça sobre a questão da inserção social e produtiva dos haitianos em Manaus. Ele aponta que o migrante é percebido pelo mercado de trabalho como um trabalhador temporário, uma vez que, acredita-se, após terminado o período laboral, tais indivíduos retornariam aos seus países de origem. Tal percepção, segundo o pesquisador, reduz o imigrante a uma condição de força de trabalho, não de sujeito de direitos.

Acerca das funções e setores que ocuparam tais sujeitos, mostrou-se o mais relevante a construção civil, seguida por comércio e serviços. Não conseguindo empregos formais, muitos exerciam atividades informais sem nenhum tipo de direito. O autor aponta como causas tanto as dificuldades linguísticas quanto a falta de qualificação exigida para os empregos formais. Por outro lado, os empregadores deste setor na região de Manaus enxergavam nos haitianos bons trabalhadores, que se sujeitariam aos baixos salários e trabalhos braçais, de grande desgaste físico, para suprir sua subsistência e enviar dinheiro aos seus familiares; ao contrário dos brasileiros, que, segundo tais agentes, não querem

2 Informações fornecidas pelas equipes pedagógica e docente da instituição, com base em dados administrativos de cadastro e matrícula de ingressantes, a cujos dados numéricos não tivemos acesso para fins de levantamento estatístico, por conta de normas organizacionais e administrativas internas.

trabalhar, faltam ao trabalho e teriam vícios. Tais dados, colhidos por Silva (2015) mediante entrevistas na região pesquisada, apontam uma inversão na percepção preconceituosa dos brasileiros em relação aos haitianos: naquele contexto, reconheceu-se mais a virtude do trabalho nos imigrantes do que nos nacionais, sendo que os nacionais apontavam com frequência os haitianos como preguiçosos e desleixados.

O antropólogo aponta ainda o papel das Organizações Não Governamentais (ONGs) e das pastorais de igrejas em orientar os imigrantes na busca por empregos e na compreensão da nossa legislação do trabalho. Aponta que

Evitar a exploração desta mão-de-obra “disponível” tem sido uma preocupação das instituições envolvidas na escolha dos haitianos em Manaus, pois apesar de eles estarem documentados no país e terem os mesmos direitos que um trabalhador brasileiro, a própria condição de vulnerabilidade enseja a possibilidade de violação dos direitos, em razão de desconhecimento da lei, bem como dos instrumentos de defesa disponíveis. (SILVA, 2015, p. 168).

Silva (2015) aponta a presença inicial quase exclusiva de homens imigrantes haitianos nas fronteiras de Manaus. Consolidado o fluxo migratório, porém, começaram a vir mulheres, solteiras e mães, gerando a necessidade de formulação de políticas específicas para tais grupos.

Conforme se torna possível observar em diálogo com Oliveira (2016), os imigrantes formulam projetos durante sua estadia no país de destino, por vezes de se estabelecer, trazer a família. Desta forma, constata-se o papel das redes sociais na definição de novos destinos para tais imigrantes. Inicialmente concentrados no norte do país, passaram a vir ao sul, onde tinham amigos, conhecidos e familiares que os informavam que aqui havia melhores condições de vida e de trabalho.

Acerca do trabalho como fator importante da imigração, Cavalcanti (2016) aponta um crescimento de 126% no contingente de trabalhadores de outras nacionalidades no mercado formal brasileiro entre 2010 e 2014, passando de pouco mais de 69 mil para quase 160 mil. Neste contexto, novos coletivos passaram a integrar este mercado de trabalho, além daqueles já estabelecidos. A partir de 2013, há uma entrada massiva de haitianos no mercado de trabalho brasileiro, em funções operacionais de baixa qualificação, conforme aponta o autor. Passaram de pouco mais de 800 pessoas no mercado formal de trabalho, em 2011, para quase 30 mil em 2014. Cavalcanti (2016) aponta, ainda, que o grupo dos haitianos teve o melhor desempenho na relação contratação por desligamento. Em todos os anos de sua permanência, admissões superaram demissões. A região sul representou 72% do total de empregos cedidos aos haitianos (CAVALCANTI, 2016, p. 235). Segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) do Ministério do Trabalho e Emprego, 2014, Curitiba foi a cidade com mais admitidos em todo o país, ultrapassando em mais de 200% sua sucessora, Chapecó – SC. A média salarial dos imigrantes haitianos no Brasil em 2014 era de R\$ 988,00.

Pensando o fenômeno da imigração a partir do olhar da sociologia, Márcio de Oliveira (2016), professor titular da UFPR, faz um estudo sobre imigrantes haitianos no estado do Paraná em 2015. A média de idade dos 33 entrevistados pelo professor foi de 32,4 anos para os homens e 29,3 para as mulheres. Todos que tinham filhos os deixaram no Haiti e manifestavam a vontade de trazer sua família completa para cá, mediante a perspectiva de empregabilidade e do ganho salarial e da possibilidade de continuar os estudos no Brasil. Havia homens haitianos casados, que deixaram sua família em seu país, e solteiros morando com amigos. Quase não havia, porém, mulheres solteiras que emigraram. Além disso, somente um entrevistado, entre 33 captados, 24 homens e 9 mulheres, declarou manter relação afetiva com uma brasileira, o que indica baixíssima integração na sociedade em geral.

Os entrevistados atribuíam sua saída à falta de perspectiva no Haiti. Diziam que não havia, nem haverá, trabalho e educação em seu país; não há oportunidades. Diziam que quem queria crescer, mudar de vida, estudar, trabalhar, deveria sair do país. A busca de trabalho e melhores condições de vida foi o fator que motivou unanimemente os imigrantes haitianos. Conforme observado através de tais entrevistas e de outros estudos, migrar é o projeto de todo haitiano; há os que migram para enviar dinheiro, migram para voltar, migram para ficar, mas quase que necessariamente migram. A imigração para o Brasil nunca foi o projeto prioritário dos haitianos, que preferiam os Estados Unidos, o Canadá e a França, segundo Oliveira (2016). Contudo, o Brasil permitia o trabalho legal dos imigrantes e estava com as fronteiras abertas. Tal cenário, conforme cita um entrevistado, fez crer que o país era rico e repleto de oportunidades.

O fator escolarização se torna importante, também, no contexto de imigração e de projetos de trazer a família para o país. Conforme Oliveira (2016), 60% dos haitianos são iletrados, e o sistema público de ensino atende somente 20% da população no Haiti. A escolarização é um incentivo à migração, uma vez que não há, segundo os entrevistados, trabalho nem perspectiva para os universitários no Haiti. A possibilidade de estudar gratuitamente no Brasil e mesmo receber bolsa para isto era um convite àqueles que desejavam ingressar e concluir o ensino superior.

Quanto às condições de trabalho no Brasil, a maioria dos entrevistados afirmou estar em condição de exploração, ou não ter seus direitos trabalhistas respeitados. Em 2014, o mercado de trabalho estava aquecido para os imigrantes, em especial na construção civil. Em 2015, porém, o número de demissões superou o de contratações, mantendo-se as vagas somente nos setores de abate de frango para exportação. Tal diminuição no número de empregos pareceu enfraquecer o fluxo migratório para o Brasil, que já não era interessante para os trabalhadores estrangeiros. Países como o Chile passaram a ser um destino potencial para os haitianos, ainda segundo Oliveira (2016).

Acerca da integração social dos haitianos no Paraná, cita-se a reflexão trazida por Oliveira (2016) a

partir dos relatos ouvidos dos imigrantes:

A percepção segundo a qual os brasileiros pouco ou nada conhecem do Haiti e, assim, desenvolveram apenas uma imagem negativa de sua terra natal, incomoda bastante os haitianos entrevistados. Foram frequentes as queixas em relação às perguntas – consideradas ignorantes – que lhes eram feitas pelos brasileiros, como, por exemplo, se havia luz elétrica ou água encanada no Haiti. Essas imagens negativas, segundo eles, eram reforçadas pelos meios de comunicação, em especial pela imprensa [...]. Em sentido inverso, a inexistência de imagens positivas os reduzia, segundo um dos entrevistados, à condição única de “imigrantes pobres”, egressos de um país muito pobre. O incômodo com as imagens negativas produz dois comportamentos típicos. De um lado, a vontade de mostrar outra realidade. De outro, uma vontade de deixar remigrar. (OLIVEIRA, 2016, p. 271).

Tal passagem contempla exatamente o cenário encontrado no trabalho de campo na escola: brasileiros mal informados acerca do Haiti, reproduzindo preconceitos e falas do senso comum acerca do fenômeno da migração. Por outro lado, haitianos que voltam a estudar e desenvolvem projetos de vida que envolvem a melhoria de sua qualidade de vida e de sua família, e sofrem preconceito aqui, e querem falar, querem ter voz.

Albuquerque, Gabriel e Anunciação (2016) partem da linguística para fazer uma reflexão acerca da vontade e da necessidade de expressão destes imigrantes: “Considerando que o indivíduo se constitui por meio da linguagem, a percepção de si e de seu entorno somente é viabilizada quando o indivíduo verbaliza experiências e subjetividades.” (ALBUQUERQUE, GABRIEL e ANUNCIAÇÃO, 2016, p. 364). Os autores refletem que o acesso ao capital cultural e educacional é um dos critérios para a cidadania e integração ao meio; o que não ocorre no caso dos imigrantes, apartados de tais possibilidades em muitos casos. Afirmam que a escola e a universidade teriam papel fundamental neste contexto, no momento em que dão ao estudante silenciado este capital, com o qual ele potencialmente diminui e neutraliza a violência simbólica recebida.

SEMANA DE SOCIOLOGIA: “BRASIL: A QUEM PERTENCE ESSA TERRA?”

A Semana de Sociologia foi um projeto desenvolvido pelas bolsistas do PIBID Sociologia ao longo do ano de 2015 e aplicado no CEAD Poty Lazzarotto entre os dias 07 e 11 de dezembro de 2015. As atividades tiveram como proposta pragmática a interpolação entre os espaços da escola, com a qual os alunos estavam familiarizados, e da universidade, à qual não pertenciam e não conheciam num primeiro momento, para o desenvolvimento das atividades propostas.

A proposta de modificação do espaço, extrapolando aquele primeiro ambiente com o qual os alunos já estivessem familiarizados e adentrando um ambiente totalmente novo para eles, não somente diz respeito ao objetivo de estimular a interação entre o ambiente escolar e o ambiente universitário, mas,

sobretudo, partiu da premissa do estranhamento como artifício para o estabelecimento da discussão acerca da migração e das relações decorrentes daí. Esse estranhamento imitaria virtualmente aquele que sente um imigrante em sua chegada em um novo país.

O escopo da atividade constituiu-se de cinco dias de discussões acerca das temáticas de xenofobia, racismo e ainda de questões inerentes ao pertencimento das populações indígenas na cultura brasileira. Propondo a pergunta “Brasil: a quem pertence essa terra?”, o cronograma da Semana de Sociologia buscou traçar uma aproximação frente à realidade dos alunos imigrantes que frequentam a escola, procurando contemplar não somente sujeitos frutos de um movimento migratório externo, como haitianos e latino-americanos, mas igualmente sujeitos oriundos de demais origens, a exemplo de imigrantes de movimentação interna, como nordestinos. Isto porque uma vez focalizada a questão marcada da xenofobia no ambiente escolar, foi possível apreender a ocorrência de tal prática mesmo contra concidadãos de diferentes regiões do país, em especial do nordeste.

A abertura do evento ocorreu na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em um dos anfiteatros do complexo da Reitoria, com a presença e palestra dos coordenadores do projeto Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH) da UFPR, discutindo a necessidade e importância do contato e integração entre a comunidade nativa e a população imigrante. Nos três dias seguintes, a proposta foi a realização de aulas expositivas temáticas, na escola, que discutissem por meio das teorias sociológica e antropológica as questões suscitadas.

A primeira aula expositiva, ministrada no dia 08/12/2015, foi sobre a história da colonização do Brasil pelos portugueses, bem como um breve relato sobre a imigração no país e uma reflexão sobre o estatuto das populações indígenas no contexto contemporâneo com intuito de apresentar sociologicamente a imigração como um caracter estruturante e fundante da história do país e debater junto aos alunos as relações que derivam e/ou possuem gênero no fenômeno da imigração, utilizando, para isso, a problemática contemporânea da questão indígena no país.

A segunda aula, ministrada no dia 09/12/2015, apresentou uma abordagem antropológica acerca de identidade, alteridade, estranhamento e etnocentrismo. Realizou-se a discussão com os estudantes acerca do racismo e da xenofobia, sob a chave de análise da ciência antropológica. A última aula, ministrada em 10/12/15, abrangeu a problemática do trabalho em relação ao fenômeno da imigração, evidenciando as condições laborais precárias às quais os imigrantes, em especial haitianos, estão submetidos no Brasil, bem como a interface entre racismo e trabalho.

Pragmaticamente, para o desenvolvimento de tais atividades, o grupo PIBID se reuniu semanalmente em estudos de bibliografia sobre as diferentes temáticas propostas: para pensar a identidade nacional e a questão indígena, utilizaram-se autores clássicos e contemporâneos, tanto da sociologia

3 Documentário "Travessias", de Julia Paes, aluna que participou do PIBID no CEAD Poty Lazzarotto. Disponível no Youtube em <https://www.youtube.com/watch?v=Sf1O9_Hvqgc>.

quanto da antropologia, tais como Gilberto Freyre em "Casa grande e senzala" (2006), pensando no estatuto de brasilidade; Arruti (2014) definindo o conceito de etnicidade; Viveiros de Castro (2005), refletindo sobre a identidade indígena em relação à identidade brasileira, tal qual o faz Frederik Barth (2006) e Bessa Freire (2000); Pierre Clastres (2004) falando do etnocídio; e Ralph Linton (2001), questionando a identidade nacional que exclui o estrangeiro e o diferente. Refletindo sobre identidade, etnocentrismo, alteridade e relativismo cultural, utilizou-se Laraia (1995) e Rocha (1988) como textos introdutórios, bem como o texto de Montaigne sobre as populações canibais e o relativismo cultural (2004), e de Seeger (1980) sobre o estranhamento na pesquisa de campo, no momento de choque cultural frente à alteridade extrema. Numa discussão mais teórica sobre raça, racismo e cultura, partiu-se de Lévi-Strauss (1993) e Segato (2005), chegando a Fanon (1980), uma vez que se considerou indispensável a presença de um autor negro numa fala sobre racismo. A discussão sobre trabalho, imigração e racismo foi pautada em Cida Bento (2002), falando da psicologia social do racismo; Skidmore (2012), tratando da raça e nacionalidade no pensamento brasileiro e outros.

Para além das aulas foram desenvolvidas também duas atividades audiovisuais por duas outras bolsistas que à época integraram o grupo. No que concerne especificamente a essas atividades audiovisuais desenvolvidas com os alunos da escola na figura do documentário e da mostra fotográfica, as duas propostas possuíam a intenção de trazer frente às câmeras as questões de diversidade cultural sob a ótica da sociologia. Por um lado, realizou-se o documentário "Travessias"³, cujo intuito era, por meio de relatos dos alunos migrantes e imigrantes – a partir da proposição sociológica de documentário a partir da fala dos sujeitos (COUTINHO, 1997; SILVA, 2001) – promover a reflexão e desconstrução de estereótipos criados a partir de visões etnocêntricas do "diferente". Da mesma forma, o projeto de exposição fotográfica "Eu, eu mesmo", utilizando a técnica da trajetória, integra-se à proposta da semana de sociologia, pois propõe a reflexão acerca da questão das diferenças de origem, de vida e de trajetória entre os estudantes da escola. O objetivo geral da exposição era justamente o de pensar as relações [sociais] estabelecidas no cotidiano sob a perspectiva do relativismo cultural e, dessa forma, pensá-lo na dimensão da vida cotidiana com o intuito de combater preconceitos e incentivar o interesse sobre a vida das pessoas com quem são estabelecidas as relações, a partir dos olhares desses sujeitos sobre si mesmos.

Como encerramento, a proposta tinha como finalidade um evento mais lúdico e artístico, que evidenciasse a trajetória, a identidade e a produção artística dos alunos imigrantes da escola. Neste sentido, apresentou-se documentário "Travessias" produzido pelas bolsistas do PIBID na escola cujos protagonistas fossem os próprios alunos imigrantes, bem como foi planejada a apresentação de um grupo haitiano de *rap social* e foi realizada a exposição fotográfica "Eu, eu mesmo".

PERSPECTIVAS E RESULTADOS

Ao abordar temas como: imigração, estigma, problemática indígena – à luz de conceitos antropológicos e sociológicos como, por exemplo, trajetória e etnocentrismo – o projeto, marcado pelo construtivismo, ambicionou a interação entre os alunos com o objetivo de problematizar suas relações e ressaltar o caráter essencial do respeito mútuo pelas suas histórias. Esse procedimento se mostrou eficiente na demonstração de que o vínculo entre diferença e hierarquia está ancorado em práticas e interesses de poder. Também ficou evidente que a escola, enquanto instituição que se quer democrática, deve estar aberta à inclusão, à pluralidade e à igualdade.

A resposta às atividades propostas foi percebida, num primeiro momento, quando as falas de alunos que não haviam passado pela experiência da imigração, mas que presenciavam e, por vezes, eram sujeitos ativos da xenofobia e do racismo, evidenciaram a reflexão e a problematização acerca da incoerência e da gravidade da reprodução de discursos xenófobos e racistas num país marcado pela miscigenação.

A gravidade da 'intolerância' ficou patente quando, no último dia do evento, a apresentação do grupo haitiano de *rap social* teve de ser cancelada tendo em vista o risco de ataque xenófobo, pois um grupo nacional de orientação neonazista estava reunido na cidade no mesmo dia. A ausência forçada dos alunos haitianos no encerramento da 'Semana de Sociologia' intensificou a reflexão sobre os temas em tela.

Para além dos resultados práticos da realização do evento, foi possível apreender uma série de desdobramentos de caráter didático e institucional escolar. A experiência gerou maior facilidade de apreensão de conceitos sociológicos e, neste aspecto, foi fundamental a interação entre os agentes e a retomada de suas histórias de vida. Abordar uma temática sociológica torna-se mais eficiente quando ela se articula com o cotidiano dos alunos.

Uma das contribuições do trabalho foi a reflexão geral sobre racismo e xenofobia na escola. Um segundo desdobramento, quase imediato, foi justamente a proposta de promoção da participação e afirmação dos estudantes no contexto escolar, em especial dos haitianos que contaram suas histórias de vida no documentário. Além disso, é importante destacar que, mediante o material audiovisual, foi possível replicar o conteúdo da 'Semana de Sociologia' em outros momentos na escola, o que torna a discussão sempre presente no ambiente de diversidade e inclusão.

A experiência permite também uma reflexão acerca do papel do PIBID. Por um lado, mostra-se fundamental envolver os estudantes na construção de conceitos e desconstrução das pré-noções, tanto mais aquelas que promovem: exclusão e violência. Por fim, o relato aqui apresentado evidencia o potencial do PIBID em proporcionar experiências muito ricas aos alunos que cursam as licenciaturas, antecipando problemas e soluções próprias do ambiente escolar. A própria trajetória dos alunos "pibidianos" torna-se elemento de reflexividade num processo rico e contínuo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além dos resultados práticos da realização do evento, o trabalho teve outros desdobramentos interessantes. Em primeiro lugar, às alunas de iniciação à docência, foi possível compreender, através de tal experiência, que os alunos e as alunas da EJA, apesar de eventuais dificuldades de leitura, interpretação de textos e aprendizado no modelo tradicional, apreendem os conceitos sociológicos a partir da interação com os colegas e da retomada de suas histórias de vida. Falar em racismo a partir dos autores selecionados fazia muito mais sentido quando se aproximava a teoria da realidade imediata a qual se estava colocando em questão. Dessa forma, a empatia enquanto fator de aprendizado entre os estudantes é notável.

Uma das contribuições do trabalho àquela realidade escolar foi a reflexão geral sobre racismo e xenofobia, diminuindo, segundo contam os professores, as situações desta natureza na escola. Um segundo desdobramento quase imediato foi o empoderamento dos estudantes, em especial dos haitianos, que

contaram suas histórias de vida no documentário. Estes tomaram consciência de sua importância enquanto indivíduos, ao mesmo tempo em que passaram a ser respeitados e admirados pelos demais. Finalmente, foi possível mensurar uma significativa elevação do número de matrículas na disciplina de Sociologia, que, desde a realização do evento, se mantém com um contingente alto de alunos.

A proposta, aqui, foi realizar um projeto voltado às demandas imediatas apresentadas no contexto da instituição de ensino CEEBJA CEAD Poty Lazarotto. Apresentadas as problemáticas do racismo e da xenofobia diante dos imigrantes e refugiados haitianos, mobilizou-se uma série de conceitos e referenciais teóricos da sociologia e da antropologia, visando construir conceitos e desconstruir premissões excludentes e discriminatórias. Além do contexto de produção da Semana de Sociologia, foi necessário compreender, assimilar e refletir sobre a estrutura EJA e sobre as demandas de alunos trabalhadores, dotados de histórias de vida, convicções e perspectivas próprias de sujeitos de suas vidas.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Jeniffer; GABRIEL, Maria; ANUNCIAÇÃO, Renata. (2016), O papel do entorno no acolhimento e na integração de populações migrantes para o exercício pleno da cidadania. In: GEDIEL, José Antônio Peres; GODOY, Gabriel Gualano. (2016). Refúgio e Hospitalidade. Curitiba, PR: Kairós Edições.

CASTRO, Maria da Consolação Gomes de; FERNANDES, Duval. (2014), A emigração dos haitianos para cidades brasileiras: Desafios para Políticas Públicas de integração. In: *III Simpósio de Ciências Sociais: Cidade e Democracia*, 2014, Belo Horizonte: Puc Minas, 2014. p. 78 - 92.

CAVALCANTI, Leonardo. (2016), Novos fluxos migratórios: haitianos, senegaleses e ganenses no mercado de trabalho brasileiro. In: GEDIEL, José Antônio Peres; GODOY, Gabriel Gualano. 2016. Refugio e Hospitalidade. Curitiba, PR: Kairós Edições.

COUTINHO, Eduardo. (1997), *O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade*. São Paulo: Proj. História.

SILVA, Sidney Antônio da. (2015), Inserção social e produtiva dos haitianos em Manaus. In: PRADO, Erlan José Peixoto do; COELHO, Renata. Ministério Público do Trabalho (Org.). *Migrações e Trabalho*. Brasília: Ministério Público do Trabalho, 2015. Cap. 11. p. 165-174.

OLIVEIRA, Márcio de. (2016), Imigrantes haitianos no estado do Paraná em 2015. In: GEDIEL, José Antônio Peres; GODOY, Gabriel Gualano. Refúgio e Hospitalidade. Curitiba, PR: Kairós Edições.